

13 - Diáspora africana

paraíso perdido ou terra prometida

José Antônio dos Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, JÁ. Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR., org. *Desvendando a história da África* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 181-194. ISBN 978-85-386-0383-2. Available from: doi: [10.7476/9788538603832](https://doi.org/10.7476/9788538603832). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/yf4cf/epub/macedo-9788538603832.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

DIÁSPORA AFRICANA: PARAÍSO PERDIDO OU TERRA PROMETIDA

José Antônio dos Santos

O Brasil é um país extraordinariamente africanizado. E só a quem não conhece a África pode escapar o quanto há de africano nos gestos, nas maneiras de ser e viver e no sentimento estético do brasileiro. Por sua vez, em toda a outra costa atlântica se podem facilmente reconhecer os brasileirismos. Há comidas brasileiras na África, como há comidas africanas no Brasil. Danças, tradições, técnicas de trabalho, instrumentos de música, palavras e comportamentos sociais brasileiros insinuaram-se no dia-a-dia africano. [...] Com ou sem remorso, a escravidão foi o processo mais importante de nossa história. [...] O escravo ficou dentro de todos nós, qualquer que seja a nossa origem. (Costa e Silva, 2003)

A palavra diáspora foi originalmente usada no Antigo Testamento para designar a dispersão dos judeus de Israel para o mundo. Recentemente, tem se aplicado o mesmo vocábulo, por analogia à condição judaica, aos movimentos dos povos africanos e afro-descendentes no interior do continente negro ou fora dele. A diáspora traz em si a idéia do deslocamento que pode ser forçado como na condição de escravo, resultado de guerras, perseguições políticas, religiosas ou desastres naturais. Também pode ser uma dispersão incentivada ou espontânea de grandes massas populacionais em busca de trabalho ou melhores condições de vida.

A partir desses sentidos possíveis, a palavra *diáspora* tem servido para múltiplos usos, por exemplo, como conceito nos estudos culturais e pós-coloniais e como motivo de identificação étnico-racial na busca do *paraíso perdido* dentro e fora da África. Também tem se prestado aos interesses políticos, ideológicos e econômicos que buscam aglutinar e, em alguns casos, levar de volta para o continente de origem africanos e afro-descendentes espalhados por todo o globo terrestre. Para fins desse traba-

lho, vamos refletir sobre esses três usos modernos do termo diáspora, o que nos leva a um rápido retorno no tempo.

A diáspora ou a dispersão dos povos africanos pela Europa, Ásia e América se produziu em escala massiva durante o período do tráfico de escravos entre os séculos XV e XIX. Esse é um dos movimentos migratórios mais espetaculares da História moderna, sendo que os cálculos da travessia forçada pelo Oceano Atlântico oscilam de dez a cinco milhões de pessoas que teriam sido arrancadas da África e trazidas para as Américas. Sem dúvida, houve presença africana em praticamente todo o mundo conhecido anterior ao início do tráfico internacional no século XVI.

Os africanos foram soldados no Império Romano e entraram, através do Deserto do Saara, no Oriente Médio, na Ásia e na China, trabalharam em plantações ou como estivadores, comerciantes e tripulantes de barcos no Oceano Índico, serviram de domésticos, ourives e cortesãs no mundo islâmico. Durante a Idade Média, entre os anos de 700 a 1.400 d. C., os europeus foram superados pelos africanos no comércio e na produção de mercadorias manuseadas. Os grandes centros comerciais e de finanças, as cidades mais ricas e os maiores mercados se encontravam na África (Davison, 1981).

O tráfico internacional criou um mercado de pessoas que destruturou reinos e nações, arrasou regiões, incrementou guerras e revoluções no continente africano. Por outro lado, envolveu um número expressivo de pessoas no *comércio infame*, a partir do interior, intermediários africanos vendiam prisioneiros de guerras e desafetos para os comerciantes europeus estabelecidos em fortalezas no litoral. O comércio transatlântico de pessoas e mercadorias incrementou o acúmulo de riquezas na Europa e ajudou a detonar o processo de industrialização na Inglaterra. Ao mesmo tempo, era interrompido o processo de desenvolvimento peculiar à África e rompidas as redes comerciais. A mão-de-obra mais preciosa e habilitada, homens e mulheres, jovens e saudáveis, foi seqüestrada e obrigada ao trabalho em terras distantes.

O “Atlântico Negro” e o Pan-Africanismo

No final do século XIX, quando os europeus ocupam, de fato, o continente, resultado do desenvolvimento de novas tecnologias e devido às necessidades econômicas, a colonização e a exploração direta dos africanos e suas riquezas em seu próprio território passaram a substituir o tráfico de pessoas. Em todo aquele período, o trânsito de pessoas, culturas, tecnologias e conhecimentos, estabelecidos entre a África e o resto do mundo, foi constante e intenso em todas as direções.

Nos anos de 1830 a 1870, em torno de 8.000 *retornados*, negros livres ou libertos, majoritariamente africanos de nascimento, conseguiram sair do Brasil e voltar ao seu continente de origem. Em embarques coletivos ou individuais, uma vez na África, eles passaram a ser reconhecidos geralmente como *brasileiros*, havendo variações locais: *agudás* no Benin, *amarôs* em Togo e na Nigéria, *ta-bom* em Gana. A maioria dessas pessoas se estabeleceu no litoral africano e começou a trabalhar e se utilizar dos conhecimentos que haviam aprendido no processo diaspórico (LIMA, 2006). O uso do idioma português, a religião católica e os hábitos e costumes adquiridos no Brasil – vestimentas, culinária, folclore, estilo arquitetônico das casas – definiram uma cultura mista, reconhecida na África como *brasileira*, resultado do processo da diáspora, portanto, diferentemente da maioria dos africanos que não haviam deixado a terra natal.

Muitos dos retornados aprenderam novas tecnologias, conhecimentos e línguas, além das que traziam consigo. O trânsito que fizeram entre a África, a América e a Europa foi mais do que uma escola para alguns deles. Esse foi o caso de Mohammah Gardo Baquaqua. Escravizado na África Ocidental por volta de 1840, Baquaqua chegou ao Brasil em 1845, onde se movimentou do Recife ao Rio de Janeiro, e deste para o Rio Grande do Sul. Como escravo embarcado em navio que transportava café, chegou aos Estados Unidos, foi ao Haiti, voltou à Nova Iorque. Nessa cidade ficou por quatro anos, de-

pois se dirigiu ao Canadá. Nesses países, ele aprendeu inglês e escreveu uma autobiografia, publicada em 1854, inclusive com fotografia, fonte de pesquisa fundamental para o resgate de sua trajetória.

Em 1857, já em Liverpool, na Grã-Bretanha, Baquaqua, além da vontade obstinada de voltar ao continente em que nasceu, não deixou mais pistas para os historiadores. Ele foi um personagem típico da diáspora. Em todo lugar que viveu, aprendeu e ensinou, mudou de nome e de religião, deixou de ser muçulmano e passou a ser católico e, após, protestante. Foi livre e escravo, mas nunca deixou de ser africano e, quando conseguiu condições materiais para registrar a sua história, o fez com o nome de batismo, marca da origem, cultura e religiosidade que carregou sempre consigo (Lovejoy, 2002).

Os africanos da diáspora procediam de um amplo leque de culturas, línguas e religiosidades diferenciadas que podiam, assim como seus descendentes, olhar para trás e ver um ponto geográfico originário comum e imaginar um *paraíso perdido*. Cada vez mais, a historiografia recupera essas trajetórias e mostra que não foram poucos os casos daqueles que envidaram todos os esforços para voltar à *terra prometida*. Há ainda os casos daqueles que vislumbraram a terra da promessa fora do continente africano, depois de circular pelo mundo atlântico, se fixaram no primeiro lugar que aportaram. O que nos dá condições de pensar sobre as experiências, os sentidos da movimentação e as trocas culturais (Reis, 2004).

Durante boa parte do século XX, as Ciências Sociais estiveram preocupadas com o debate sobre as “sobrevivências *versus* transformações” que operavam nas várias culturas de descendência africana nas Américas, o que, de certa forma, delimitou muito os objetos de pesquisa. Categorias como sincretismo, aculturação, hibridismo, transculturação, encontro de culturas, miscigenação cultural buscaram dar conta de uma diversidade grande de situações e aspectos culturais. Geralmente, essas categorias foram criadas para pensar as novas culturas que surgiam a partir do contato entre povos diferentes e a formação das nações, na maioria das

vezes, com a preocupação de explicar os *africanismos* identificados nas sociedades americanas (Mintz, 2003).

Desde a década de 1990, no bojo das discussões sobre globalização, nacionalismo, identidade e multiculturalismo, o termo diáspora vem sendo utilizado como projeto político e acadêmico que questiona as idéias de pureza racial, identidade, território e cultura nacional. A perspectiva de estudo passa a ser balizada na redefinição crítica do lugar da África, dos africanos e seus descendentes na formação do Ocidente, o que exige um grande esforço teórico para abranger as mais diversas experiências das populações negras dispersas em escala mundial.

O sociólogo inglês Paul Gilroy insere-se no debate, trazendo à tona a noção de diáspora como um processo dinâmico, multifacetado, o qual rompe com aquelas idéias cristalizadas que tomam a diáspora africana como um fenômeno preso ao passado. Ao contrário, ele cria a metáfora do *Atlântico Negro* para entender a estrutura transnacional criada na modernidade e que deu origem ao sistema de comunicações globais definido pelo ir e vir de pessoas, informações e mercadorias que redefiniram novos padrões e trocas culturais. O *Atlântico* e a vida marítima, presentes no título e ao longo do livro, nos sugerem deslocamentos, movimentos no meio líquido e misturas que extrapolam a noção de raça, desterritorializam a cultura e nos indicam um circuito comunicativo que modifica e transcende as fronteiras étnicas e nacionais.

A racionalidade ocidental foi usada para eliminar e oprimir e sempre justificou o terror racial, a guerra ao diferente, o genocídio e a escravidão daquele que era definido como *inferior*. Da mesma forma, o absolutismo étnico ou eurocentrismo também serviu para relegar ao esquecimento a complexa mistura entre idéias e sistemas filosóficos e culturais europeus e africanos. Segundo Gilroy, durante a diáspora, os africanos e seus descendentes criaram um sistema ou paradigma de reflexão sobre a modernidade e suas conseqüências que continua presente nas disputas culturais e políticas atuais. Por exemplo, a *dupla consciência*, sinal diacrítico da história intelectual gestada no

Atlântico Negro, seria o aspecto mais visível daquele paradigma ou o *eu dividido* entre o continente de origem e aquele em que aportou o africano. Ele utiliza a vida e os escritos dos intelectuais negros da diáspora como W. E. B. Du Bois, Richard Wright, Martin Delany, Frederick Douglas para pensar a modernidade do ponto de vista dos afrodescendentes de língua inglesa (Gilroy, 2002).

O deslocamento e a reterritorialização da população negra redefiniram as noções de pertencimento e de identidades étnicas, o que nos leva a concluir que o mundo construído no processo da diáspora africana favoreceu o desenvolvimento e o fortalecimento de melhores condições para criticar o eurocentrismo vigente desde o seu centro. Aqueles intelectuais usaram as mesmas armas ideológicas dos agressores para questionar as bases filosóficas européias e buscaram uma unidade para a organização política em nível planetário¹.

William Edward Burghardt Du Bois, por exemplo, nasceu em 1868, no estado de Massachusetts, longe do sul dos Estados Unidos, onde três anos antes havia se passado a guerra civil. Conhecida entre nós como Guerra da Secessão, ao final da disputa entre as regiões sul e norte, a vitória dos nortistas terminou com a escravidão naquele país. Portanto, ele viveu tempos difíceis no processo de reconstrução do país e de redefinição dos papéis políticos, econômicos e sociais a serem ocupados pelos negros norte-americanos. W.E.B. Du Bois morreu em Gana no dia 27 de agosto de 1963, na véspera da grande Marcha pelos Direitos Civis em Washington, presidida por Martin Luther King Jr. Também conhecida como *Marcha por emprego e liberdade*, reuniu mais de duzentas mil pessoas na capital do país e se tornou um marco histórico para a conquista do direito ao voto e o fim da segregação racial.

A morte de Du Bois na África coroou a brilhante trajetória intelectual de um negro na diáspora. Depois de mais de noventa anos de

¹ Acredito que essa estratégia fez escola. Hoje, temos vários intelectuais da diáspora nas principais universidades européias e norte-americanas, como Stuart Hall, de origem negra jamaicana na Inglaterra, e Homi Babha, de origem indiana nos Estados Unidos. Além do próprio Gilroy, que circula nos corredores do meio acadêmico internacional com seus longos *dreadlocks*.

vida e posicionamentos firmes em defesa do povo negro, ele voltou ao continente dos ancestrais, onde foi sepultado, e acompanhou o despontar de uma nova era no processo de consolidação da cidadania dos negros nos Estados Unidos. Du Bois foi o intelectual requintado, historiador, sociólogo e filósofo que estudou nos ambientes universitários solidamente vitorianos de Harvard e da Universidade de Berlim². Com todo o conservadorismo daquelas instituições de ensino, ele manteve a preocupação de pesquisar, entender e tornar pública a experiência dos negros em seu país e no mundo. Em 1903, a partir da sua trajetória intelectual, no livro de inspiração filosófica e de título poético, ele chega à formulação da idéia de *dupla consciência*, conceito usado por Gilroy (Du Bois, 1999). Du Bois antecipa questões relevantes para o estudo da diáspora, como os sentimentos contraditórios de nascer, fazer parte de uma cultura e nacionalidade e ao mesmo tempo, pela discriminação e pelo preconceito, se sentir excluído da história do país. A partir disso, ele constrói uma nova perspectiva histórica comum a todos os afro-descendentes, que visa aproximar a diáspora africana do continente de origem dos seus ancestrais.

Nesse sentido, Du Bois foi o líder na fundação do movimento pan-africano, que tinha entre os principais objetivos a união dos africanos e descendentes da diáspora e a criação de diretrizes autônomas para os povos africanos. Em 1919, organizou o Primeiro Congresso Pan-Africano em Paris, cujo documento final reivindicava o reconhecimento, pelas potências coloniais, da emergência do movimento de emancipação africana.

A escolha da cidade francesa para realização daquele Primeiro Congresso não era por acaso. Paris era a capital de um dos principais impérios coloniais que organizou os territórios africanos invadidos em sedes regionais e unidades administrativas relativamente indepen-

² Ironicamente, poucos anos antes da chegada de Du Bois, a cidade de Berlim acolheu a conferência que reuniu, de novembro de 1884 a fevereiro de 1885, Alemanha, França, Portugal, Bélgica e Inglaterra, as principais potências coloniais daquele período, que dividiram entre si, geopolítica e economicamente, o continente africano.

dentess, pouco integradas política e economicamente entre si e voltadas exclusivamente aos interesses da metrópole.

Além do domínio pela força das armas, a colonização e o imperialismo na África se justificavam também em termos ideológicos. A filantropia era usada para promover a civilização, educar e eliminar os *costumes bárbaros*. A necessidade de acesso aos novos mercados consumidores para os produtos manufaturados, a busca de matérias-primas e a abundância de mão-de-obra também serviam como razões para o genocídio e a exploração. Por último, mas não menos importante, como justificativa para a pilhagem dos africanos, a ciência provava a hierarquia entre as raças, o que tornava legítimo aos superiores a colonização e o domínio dos inferiores.

Nos congressos seguintes, realizados em 1921, na cidade de Londres e, em 1923, na capital de Portugal, Lisboa, foram seguidas as lógicas do tensionamento racial e o questionamento da inferioridade atribuída aos africanos e descendentes. Ao acompanharmos os locais dos congressos, é interessante constatar que o processo instituído na diáspora africana produziu políticos, pensadores, cientistas e intelectuais, não apenas nesses grandes centros intelectuais e econômicos. Muitos daqueles que se tornaram lideranças negras saíram dos seus países de nascimento, em muitos casos, de lugares periféricos ao capitalismo central e foram para os grandes centros e capitais. Em um primeiro momento, buscaram formação acadêmica e intelectual, logo depois, colocação profissional ou política e, a seguir, se aproximaram de outras pessoas que tivessem disposição para discutir idéias, se organizar e lutar pelos mesmos objetivos³.

³ O período de 1920 a 1950 foi fértil na organização de associações, partidos políticos e na concentração de intelectuais em torno de revistas e jornais anticolonialistas que buscavam a organização dos africanos da diáspora. Por exemplo, em 1934, foi fundada, em Paris, a revista *L'Étudiant Noir* (O Estudante Negro), que uniu estudantes africanos de várias regiões, do Caribe e da América do Sul, para combater a discriminação e buscar a valorização cultural, política e artística. Esse movimento teve uma expressão significativa na literatura e ficou conhecido como *Négritude*.

O quarto e o quinto Congressos Pan-Africanos foram realizados, em 1927, na cidade norte-americana de Nova Iorque e, em 1945, em Manchester (Grã-Bretanha), respectivamente. Nesse último congresso, houve a expressiva participação de delegados africanos que se tornaram personagens principais no processo de descolonização e independência dos países africanos, como os casos de Kwame N´krumah, em Gana, e Jomo Kenyata, no Quênia. No quinto Congresso também foi reconhecida a unidade cultural africana e acordado um programa de ação para a independência e a criação de bases políticas e econômicas para a futura unificação continental. A criação da OUA (Organização da Unidade Africana) em Addis-Abeba, Etiópia, no ano de 1963, é exemplo do empenho pela união. As idéias pan-africanistas ainda hoje permeiam os discursos de líderes políticos, Estados e organizações africanas, sempre com a finalidade de buscar a unidade política, cultural e econômica e visualizar a aproximação com os países da diáspora.

A Cultura da Diáspora

Mais próximos de nós, tivemos outras expressões do reconhecimento dos laços culturais afro-descendentes que se espalharam pelo planeta e a necessidade que as principais lideranças têm de aproximá-los, bem como a capacidade de organização. Foram organizados dois Festivais Mundiais das Artes Negras. O primeiro realizado em Dakar, capital do Senegal, em 1966, depois em Lagos, Nigéria, em 1977.

Nesse sentido, também tivemos entre os dias 12-15 de junho de 2006, em Salvador, a realização da II CIAD (Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora), cujo tema principal foi *A diáspora e o renascimento africano*. Semelhante à primeira edição que ocorreu em Dakar, em outubro de 2004, a segunda Conferência tinha por objetivo reunir intelectuais, representantes da sociedade civil e líderes políticos para discutir sobre temas de interesse da África e dos países da diáspora. A proposta era promover um espaço para uma maior cooperação visando ao desenvolvimento comum. Contou com a pre-

sença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e de outros chefes de Estado e governos africanos, além de autoridades de organismos internacionais, especialmente convidadas para o evento.

Para se ter uma idéia da importância do Brasil no quadro internacional da diáspora, para o ano de 2008 está programada a realização do terceiro Festival Mundial das Artes Negras, novamente em Dakar, o qual se propõe a homenagear o nosso país, que é a maior nação de população negra fora da África.

Não obstante, no Brasil ainda há uma grande dificuldade em pensar e reconhecer a cultura que se formou na diáspora. Desconhecemos ou não reconhecemos o que temos de africano na cultura afro-brasileira. Não poderia ser diferente. Fomos sempre educados a pensar em termos europeus. Em geral, mantemos a ilusão de uma nação branca, que não somos e nunca fomos.

No entanto, podemos nos questionar: por que o Brasil é reconhecido no mundo como uma nação de cultura eminentemente de origem africana – negra? O carnaval, o futebol, a capoeira, a feijoada, o samba são algumas manifestações culturais que representam e identificam o Brasil em todo mundo. Por que essa representação do Brasil como negro se o número de imigrantes europeus que chegou ao Brasil é praticamente o mesmo do que o de africanos?

No caso dos europeus, foram cerca de 5 milhões, concentrados basicamente em menos de cem anos de processo migratório, da segunda metade do século XIX ao início do XX. O mesmo número, cerca de 5 milhões de africanos, chegou até aqui em três séculos de deslocamento forçado. Os imigrantes europeus vieram de vários países com línguas, religiões, costumes e culturas diferentes. Os africanos escravizados também vieram de várias regiões com línguas, religiões, costumes e culturas também diferentes. Voltamos à questão: por que a cultura brasileira é reconhecida e representada como sendo, basicamente, de matriz africana ou como dizemos *afro-brasileira*?

Em busca da resposta, devemos considerar que a história dos africanos não começou no encontro com os europeus, muito menos

a partir dos embarques nos navios negreiros. Ao contrário, suas histórias e culturas são tão antigas, ricas de significados e diferentes entre si, como de resto toda a humanidade. Mais do que respostas, estamos interessados em questionamentos e talvez possamos encontrar alguns indícios para isso nos estudos da diáspora africana.

Nesse sentido, vários estudos já nos mostraram que as culturas e as identidades culturais têm uma gramática própria, as quais servem de elemento organizador das novas construções sociais e culturais – o novo nasce de bases preexistentes (Hall, 1998). Ou seja, voltando ao nosso tema, os africanos já traziam em si – no corpo e no espírito – o gérmen da nova civilização que nasceria nos trópicos. À condição de africano escravizado longe da sua terra e de sua gente, somaram-se as precárias condições de sobrevivência e o vislumbre, na solidariedade, da possibilidade de superar as diferenças e sedimentar, no contato com as outras culturas, a massa que amalgamou a cultura afro-brasileira. Na direção diretamente contrária a toda tentativa de desumanizá-los, os africanos na diáspora buscaram a criatividade e a organização, seja pela resistência direta ou mais acomodada, mantendo a cultura que tem em si muito da origem.

Para finalizar, conforme vimos, a diáspora traz em si a idéia da dispersão, mas também devemos considerar que carrega consigo a possibilidade do regresso. O retorno dos africanos aos países de origem, recentemente, passou a ser uma prioridade. Esse é um processo preponderante para a unidade, desenvolvimento econômico e político, e para a reconciliação nacional após as guerras civis que se seguiram à independência. Em Luanda, por exemplo, foi realizado, em 2004, o primeiro Encontro em Angola de Quadros – angolanos na diáspora.

O governo de Angola se mostrava preocupado com o regresso de profissionais, técnicos, especialistas e intelectuais para ocupar os cargos vagos na administração central do país. Os traumas da guerra civil em Angola, que se estendeu de 1961 a 2002, de forma ininterrupta, levaram milhões de pessoas a se deslocarem do interior e da capital para fora do país. Naquele Encontro, compare-

ceram angolanos provenientes de 25 países diferentes, e já foram programados mais dois fora de Angola, em Portugal e na Espanha. A necessidade de mão-de-obra especializada para desenvolver o país é tão séria e o regresso à mãe-pátria muito difícil, em virtude das condições que o governo oferece, que hoje já se entende que a operação e a contribuição podem vir de qualquer lugar onde os angolanos estiverem. É óbvio que, nesse caso, a preocupação é seletiva e dirigida a uma minoria de angolanos bem-sucedidos. A grande maioria dos angolanos da diáspora continua a vida como refugiados de guerra, ou subnutridos e subempregados em alguns países do continente, na Europa ou na América.

Nas festas populares, realizadas durante séculos e ainda hoje recriadas todos os anos no Brasil, termos como *Congo*, *Cabinda*, *Guiné*, *Queto* e *Moçambique* são proferidos de norte a sul do país – como o nosso *Maçambique*, aqui de Osório. Todas essas denominações vieram da África e hoje são reinos poderosos no imaginário e no cotidiano das pessoas (Mello e Souza, 2002). Por outro lado, nenhuma cidade do mundo está tão presente nas músicas e cantigas brasileiras como Luanda. Além disso, muitas meninas e mulheres levam esse nome, apesar de poucos brasileiros serem capazes de localizá-la com precisão no mapa – Angola, na África.

A partir das novas perspectivas de estudos que alguns chamam *pós-coloniais*, *estudos culturais*, mas podemos chamar também de *estudos da diáspora*, vislumbramos a possibilidade teórica de inverter a lógica usual na produção do conhecimento, geralmente, do centro para a periferia. Os *civilizados* estudam os *bárbaros*, os *superiores* dominam e investigam os *inferiores*, *colonizados*. Podemos pensar a partir de outras perspectivas, da África para Europa, da Ásia para a Europa, dos árabes para os judeus, dos países da diáspora para os grandes centros do conhecimento, geralmente localizados nos Estados Unidos e em países europeus. A partir de novos paradigmas, talvez possamos encontrar mais do que outras questões e outros *objetos* de pesquisa, algumas respostas surpreendentes para as nossas perguntas triviais.

Referências

- ALENCASTRO, Luis Felipe. *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.
- BELLUCCI, Beluce (Coord.). *Introdução à História da África e da cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro: CCBB/RJ e CEEA/UCAM, 2003.
- BENJAMIN, Roberto. *A África está em nós*. Ed. Grafset, 2004.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- BORGES, Edson. *Racismo, preconceito e intolerância*. Rio de Janeiro: Ed. Atual, 2002.
- BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África*. Ed. Perspectiva, 2004.
- CASCUDO, Luis Câmara. *Made in África*. São Paulo: Global, 2001.
- CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2000.
- COSTA E SILVA, Alberto da. *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1996.
- _____. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- _____. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2003.
- DAVIDSON, Basil. *Os africanos. Uma introdução a sua história cultural*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- DU BOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.
- FAGE, J. D. *História da África*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- FROBENIUS, Leo. *A gênese africana. Contos, lendas e mitos da África*. Ed. Landy, 2005.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Ed. 34; Universidade Cândido Mendes, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- _____. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- HAMPATÉ BA, Amadou. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Pallas Athena e Casa das Áfricas, 2003.

- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula*. SP: Ed. Selo Negro, 2005.
- LIMA, Mônica. “A vitória sobre as correntes. Os libertos no Brasil e seu retorno à África, 1830-1870”. Texto apresentado no *IV Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros* (Salvador, 11/09/2006). Texto inédito.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2004.
- LOVEJOY, Paul E. “Identidade e a miragem da etnicidade. A jornada de Mahommah Gardo Baquaqua pelas Américas”. *Afro-Ásia* (UFBA) n° 27, 2002, p. 9-39.
- MELLO E SOUZA, Marina de. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação do Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MINTZ, Sidney W. e PRICE, Richard. *O nascimento da cultura afro-americana. Uma perspectiva antropológica*. Rio de Janeiro: Pallas; Universidade Cândido Mendes, 2003.
- MUNANGA, Kabengele (Org.). *História do negro no Brasil: resistência, participação e contribuição*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004.
- OLIVEIRA, Nelson S. de. *Vultos negros na história do Brasil*. Guia de direitos do brasileiro afro-descendente. Brasília, 2001.
- REIS, João José. “África e Brasil entre margens: aventuras e desventuras do africano Rufino José Maria, c. 1822-1853”. *Estudos Afro-Asiáticos* (RJ), ano 26, n° 2, 2004, p. 257-302.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SCHWARCZ, Lília Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- _____. *Negras imagens*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- THOMAS, Omar Ribeiro. *Ecos do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: UFRJ/FA-PESP, 2002.
- VISENTINI, Paulo G. F, RIBEIRO, Luiz Dario e PEREIRA, Analúcia D. *Breve História da África*. Porto Alegre: Ed. Leitura XXI, 2007.
- WESSELING, H. L. *Dividir para dominar*. Rio de Janeiro: UFRJ/Revan, 1998.